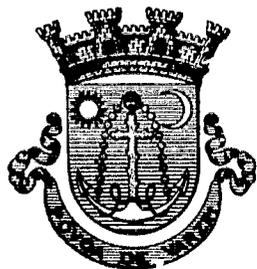


PÓVOA DE VARZIM

BOLETIM CULTURAL



VOL. IV

1965

N.º 2

EDIÇÃO
DA
CÂMARA MUNICIPAL

Carro	Dei p. ^a o Carro, em q. levou o seu fato por dous dias dous mil reis.	02 000
Soldadas	Dei p. ^a soldadas de dous Mossos, hum p. ^a fazer de comer, e o mais necessario ao dito Padre e outro p. ^a comprar o precizo, e acompanhalo aos banhos, e segurallo em q. ^{to} os tomava, a mil, e seiscentos a cada hum, tres mil, e dozentos reis.	03 200
Remedios	Dei p. ^a alguns remedios da butica, q. là tomou o dito Padre quatro centos e sincoenta reis.	00 450
Gastos	Dei p. ^a gastos, q. fes em algumas galinhas, pão, vinho, lenhas, baca, e outras couzas mais p. ^a sustento do ditto Padre, e dous Mossos em espaço de trinta, e dous dias oito mil, e novecentos reis.	08 900
Louças	Dei p. ^a Louças, q. comprou p. ^a fazer o comer quatro centos, e trinta reis.	00 430
Alluguer	Dei p. ^a alluguer da Caza, em q. esteve trinta, e dous dias a dozentos reis por dia, seis mil, e quatro centos reis.	06 400
Gastos	Dei ao P. Fr. Sebastião do Pilar p. ^a gastos, q. fes nos banhos do Mar, doze mil, dozentos, e setenta reis.	12 270

FRANCISCO GOMES DE AMORIM

(13-VIII-1827 — 4-XI-1891)

NOTAS PARA UM ESTUDO

por CRUZ MALPIQUE

Este modestíssimo ensaio, que requer continuação, corresponde a uma dívida moral para com Francisco Gomes de Amorim. Tendo nós publicado, em 1954, a *História de um Elegante do Romantismo (Uma Biografia de Garrett)*, dedicámos o volume à memória de Francisco Gomes de Amorim, dizendo que, sem as suas *Memórias Biográficas de Garrett*, nunca poderíamos ter escrito o livro. A nós próprios então prometemos que, algum dia, tentaríamos um ensaio sobre a obra de Amorim. Chegou, agora, a oportunidade. Infelizmente, porém, motivos de precária saúde não nos deixaram dar ao ensaio a amplitude que ele merecia. Para não atrasarmos a sua publicação no magnífico Boletim Cultural *Póvoa de Varzim*, resolvemos apresentá-lo com o subtítulo que perfeitamente se lhe ajusta: NOTAS PARA UM ESTUDO.

AVELOMAR

«A minha terra é uma linda aldeia chamada Avelomar, situada numa praia do Minho» (1).

Assim o escreveu Francisco Gomes de Amorim, que, no inrôito de *As Duas Fiandeiras*, romance de costumes populares, nos dá notícia da sua terra natal.

Vale a pena transcrever as páginas nas quais ressalta a visão de uma Avelomar possivelmente muito diferente da actual:

(1) *Cantos Matutinos*, pág. II, Lisboa, 1858.

«Há na formosa provincia do Minho uma freguesia rural denominada S. Tiago de Amorim, que se compõe de numerosas aldeias. Entre todas estas, avulta Avelomar, como a maior e mais bela pela sua posição. Está situada em planície ampla, cortada por muitos riosinhos, semeada de fontes e arvoredos, que dão aos seus campos, sempre verdes e floridos, o aspecto de jardim vistosíssimo.

Nada há mais pitoresco e alegre do que essa povoação. De todos os lados se avista a fita azulada das águas do oceano, orlando a terra, desde o sudoeste até ao norte; da parte de leste, os montes de S. Félix e de Barroso; os pinheirais de Tarroso e Laundos; e, ao sul, recortando-se no céu, os campanários das igrejas de Póvoa de Varzim.

As casinhas, pela maior parte caiadas e asseadíssimas, dão-lhe tão festiva aparência, que faz quase inveja a quem por ali passa. Não há habitação que não tenha seu quintalinho, com horta e simulacro de jardim, onde nunca faltam as rosas de todo o ano, os cravos, as alegres maravilhas, o alecrim, ou serpão, ou mangerona, os giros e dois pés de losna ou de arruda, para afugentar as bruxas.

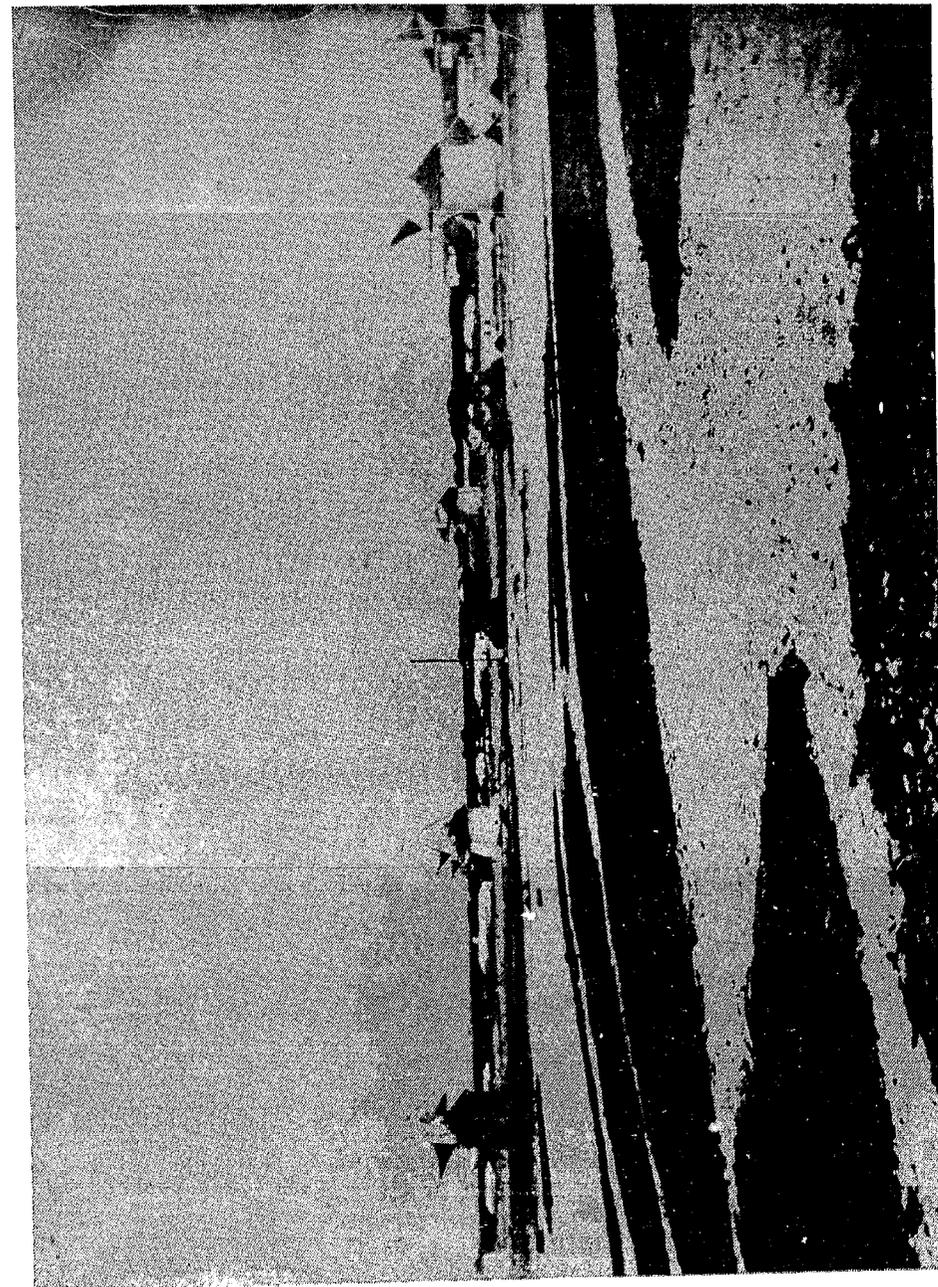
Os habitantes empregam-se geralmente na agricultura, e são, pela maior parte, honrados, laboriosos, respeitadores sinceros dos bons costumes, muito religiosos e todos hospitaleiros. Essa população recorda em muitos dos seus actos as idades patriarcaes, os tempos da virtude austera e do viver simples dos nossos antepassados. Ainda lá não chegaram os esplendores e os vícios da civilização, que ilustra e corrompe tudo; no dia em que os conheceres, minha formosa pátria, diz adeus à franqueza, à alegria e à inocência primitiva de teus filhos. Nesse dia funesto, o progresso, com as suas mil exigências, ter-lhes-a dado o inferno na terra».

As palavras anteriores, diz Gomes de Amorim, foram escritas em 1866. E acrescenta: «Onze anos depois chegava a civilização a Avelomar, representada por uma quadrilha de ladrões, que, segundo noticiaram os jornais, eram quase todos dali!»

O autor descreve, depois, pormenorizadamente, a capelinha da aldeia, construída sob a invocação de Nossa Senhora das Neves.

A propósito, informa:

«Ao lado direito da porta principal da capela, e afastada desta seis ou sete metros, está o sino, pendurado em dois paus muito altos, cravados no chão e presos um ao outro com travessas. Esta torre improvisada, vista de longe, tem sinistras aparências, e mal indica o seu destino pacífico e piedoso. Há bons trinta anos, por ocasião de se fazerem obras na capela, apearam o sino, que ficou, desde então, provisoriamente, enforcado na espécie de escada em que ainda se acha. É notável a tendência que temos, os portugueses, para as coisas provisórias! Quase tudo é provisório nesta terra!»



Esse um aspecto de Avelomar que Gomes de Amorim chegou, porventura, a conhecer. Fotografia tirada em 1890.

Forte zargunchada! O provisório era, então, o efectivo, na nossa terra. Ainda não se perdeu inteiramente esse jeitinho de eternizarmos o provisório. Certo professor, que esteve na situação de provisório durante trinta anos ou mais num dos liceus do país, acabou por fazer acompanhar o nome, nos seus cartões de visita, da expressão: «professor provisório efectivo do liceu de...»

Mas tornando à capelinha: aí se rezavam duas missas — a primeira, chamada das almas, a de todos os dias, à qual acudia a gente que não queria ser vista, ou que tinha aonde ir; a segunda — a das nove horas — era a da «gente rica e elegante da terra, todos os que se querem mostrar, que desejam ver e ser vistos. Nesta aparece sempre a melhor véstia, a calça mais bem feita, o colete com mais bonitos botões de vidro azul, a saia mais vistosa, o gibão de pano fino com mais bem talhadas abinhas, o laço mais floreado, e a tamanquinha, cujo tacão lembra, às vezes, um sinete de relógio!»

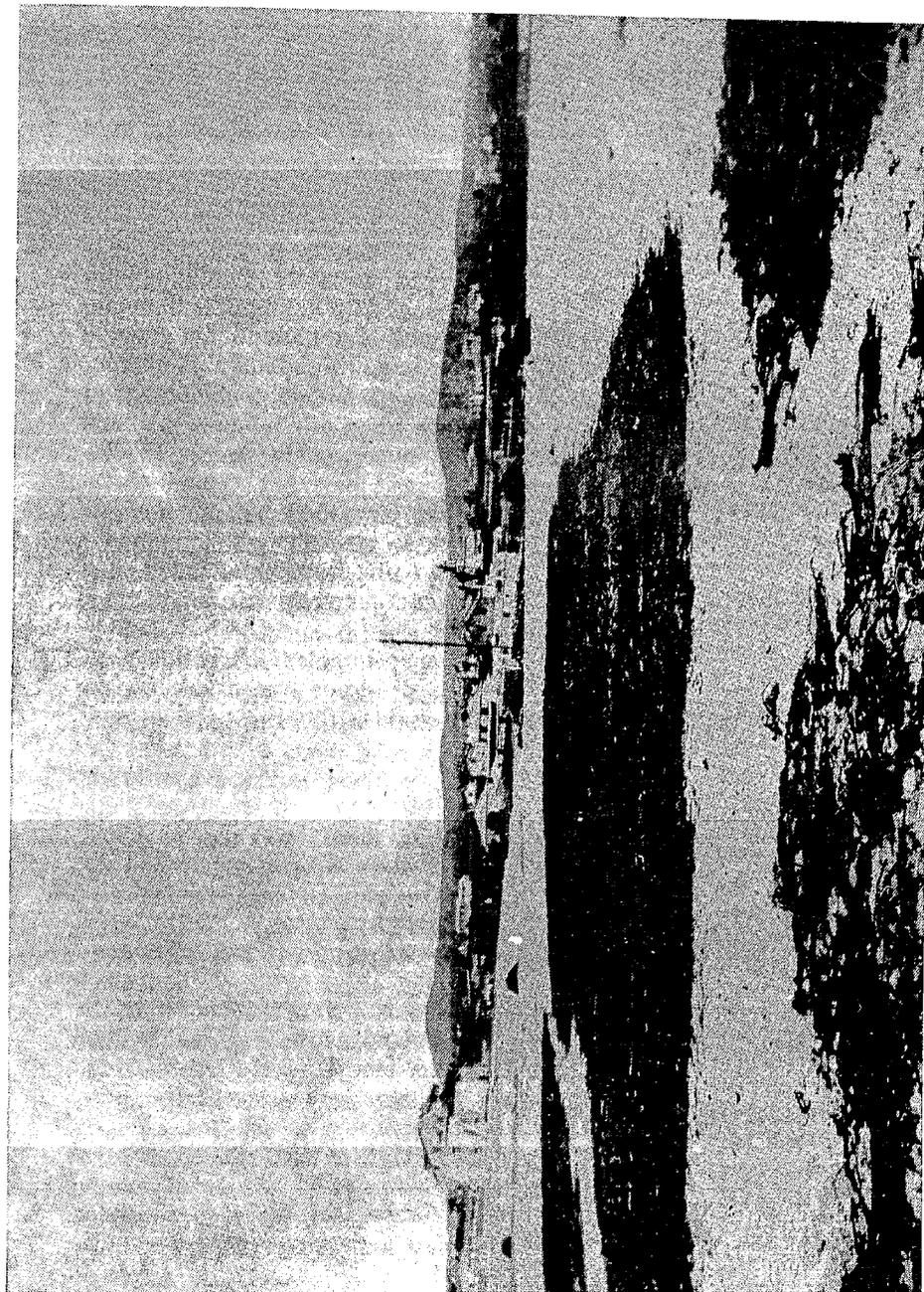
Gomes de Amorim fala, a seguir, de certas mulheres que frequentavam a missa das nove, não para as louvar, mas para troçá-las como realmente mereciam: eram «as comadres», as beatas e bisbilhoteiras, que, enquanto correm com a maior devoção as Ave-Marias e Padre-Nossos, dos enormes rosários, vão ao mesmo tempo segredando, aos ouvidos umas das outras, o que sabem e o que não sabem. Essa espécie de trapaceiras religiosas era a única mácula de Avelomar.

[...] Fazendo do templo academia de má língua, distinguíam-se pela insistência com que estavam sempre, como disse Bocage:

«Com reza impertinente os céus zangando».

Um olho no altar outro na porta, mal viam entrar qualquer triste, de quem não gostavam, punham-lhe imediatamente a calva à mostra. E mau era começarem! Depois, não podiam já parar. Atiravam-se primeiro às que tinham princípio de mazela; e, em seguida, levavam tudo a eito: esta, porque namora; aquela, porque não quer casar; outra, por ter luxo, e muitas pelo não ter: estes, porque falam a todas as cachopas; aqueles, porque são soberbos!... Não escapava ninguém às línguas viperinas das devotas mulheres. E no fim da missa, que entremeavam de rezas burlescas e de calúnias infames, saíam da igreja, convencidas de terem dado um passo mais no caminho do céu».

Será que ainda hoje haverá disto por Avelomar? Vão passados mais de cem anos que isso «assucedia». De então para cá é de presumir que as avelomarenses tenham posto mais cobro na língua — menos atenção aos que entram e saem, e maior concentração em Deus. Sim? Não? Elas que respondam.



Outro aspecto de Avelomar em 1890.

SERÕES DE ANTANHO

Em 1845, em Avelomar era famosa a tarefa de ripar o linho, de amarrá-lo em feixes e ir deitá-los ao rio. Aos serões, em que essa tarefa se realizava, estava meio mundo interessado em comparecer. A propósito, escreve Gomes de Amorim:

«Aos serões de Manuel do Sameiro, lavrador abastado, afluía sempre a flor da mocidade avelomarense de ambos os sexos, chegando a haver empenhos para se obter convite, como praticam na capital os elegantes que querem ir aos bailes da corte.

Tirado o linho do rio, seco ao sol, e recolhido ao grande casarão das arrecadações, seguia-se logo a espadelada nocturna, trabalho destinado às mulheres. Os homens que concorriam ao serão faziam sogas de couro, teciam cofinhos novos, para pôr nos focinhos dos bois, quando andavam a lavar, a fim de não se distraírem com a erva; ajudavam a consertar os jugos, e ocupavam-se de todos os trabalhos que se podiam fazer com luz. Ao mesmo tempo cantava-se ao desafio, contavam-se histórias alegres ou maravilhosas; terminando sempre o serão por farta ceia, da qual o prato principal era bacalhau cozido com couves; ou ruivo, com molho fervido» (1).

Será que ainda agora se mantém a costumeira? A rotina pesa toneladas nas aldeias, e daí podermos presumir que as alterações de então para cá não tenham sido profundas.

«FILOSOFIA» DO VESTUÁRIO

Em Junho, os habitantes de Avelomar saem quase todos por ocasião da romaria da Santa Cruz de Balazar. Nessa emergência, rapazes e raparigas estreiam os seus melhores fatos. E justamente a propósito de vestuários femininos faz as seguintes considerações, ainda agora actuais:

«A primeira hora de marcha dos romeiros [a caminho de Balazar, próximo da serra de Rates] foi consagrada à análise dos trajos. Examinavam-se mutuamente com inquietação e curiosidade.

Nada tão agradável para as mulheres, assegura certo autor estrangeiro, como esses exercícios comparativos, em que elas se julgam sempre, física e moralmente, na cara e no traje, superiores às examinadas. Tudo quanto nas outras são defeitos, afirma o o mesmo crítico, que as estudou a fundo, são nelas perfeições. E nada as consola e regala tanto como a deselegância e fealdade

(1) *As Duas Fiandeiras*, págs. 144-145, Lisboa, 1881.

das suas amigas. Entre os homens, diremos nós e não o citado autor, também já são vulgares estes... usos. E diga-se a verdade toda: o mais supremo prazer, o mais sincero e grato passatempo da humanidade é a maledicência.

Não se sentia, portanto, o calor que principiava, nem a fadiga da primeira língua de caminho. As atenções iam completamente absorvidas pelo exame, que alegrava umas e danava outras» (1).

AUTOBIOGRAFIA DUM RAPAZ AZOUGADO

Não tivemos sombra de trabalho em colher informações dispersas para traçar a biografia da infância e primeira adolescência de Gomes de Amorim, porque a escreveu de seu próprio punho. Seja pois ele a depor:

«Nasci sem nenhuma circunstância que possa dar relevo a uma biografia, e declaro que me criei como toda a gente, sem nenhum acontecimento notável que, distinguindo os meus primeiros anos, me levasse mais tarde ao livro das *infâncias célebres*. Eu não tinha agudezas, não era engraçado, e não aprendia coisa alguma. Os meus talentos limitavam-se a escolher cada dia um meio diferente, que me livrasse de ir à escola, porque nela me esperavam certas familiaridades dum instrumento, cujo nome latino me havia inspirado profundo horror à erudição do meu mestre. O instrumento era a *fêrula*; e o professor andava-me sempre com o olho em cima, porque, devo dizê-lo, ainda que me custe, eu desacreditava o seu método de ensino. Entrei aos cinco anos para a sua aula, e saí quase aos dez sem saber assinar o meu nome, ou soletrar duas palavras! Verdade é que tinha adquirido sobre os meus camaradas uma superioridade incontestável, nos exercícios arqueológicos de atirar a funda, apanhar pássaros a laço, e, visto que é preciso confessar tudo, em achar pretextos plausíveis para não dar lição, cada vez que isso me competia.

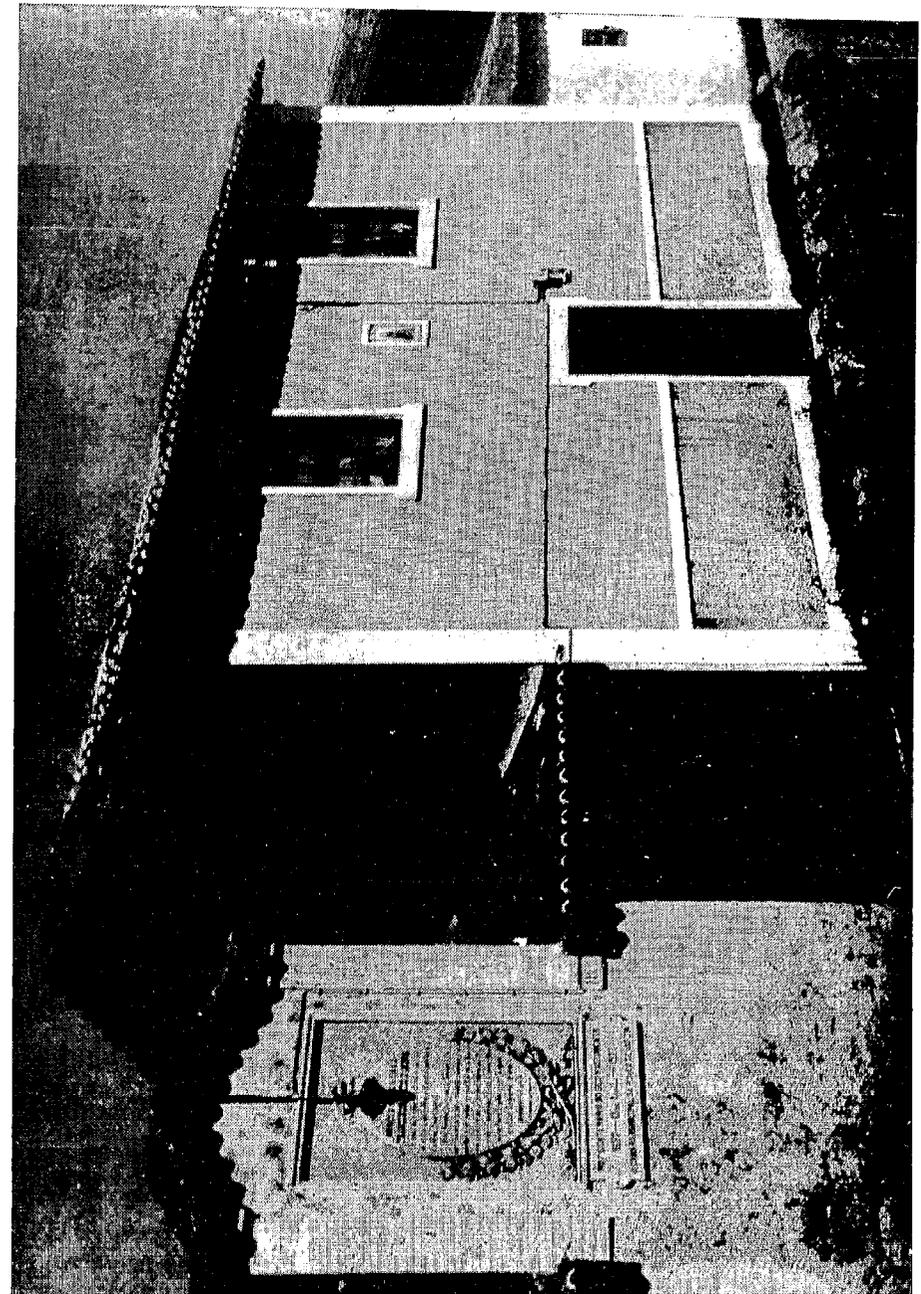
A minha mãe era a única pessoa que ainda não tinha perdido as esperanças de me ver emendado; todos os mais, parentes, conhecidos ou mestres, me profetizavam um futuro desastroso, declarando-me inútil para tudo. Um vizinho muito rabujento, ao qual tinha derrubado uma parede para apanhar um ninho de pintassilgo, fez-me o tremendo prognóstico de que eu ainda havia de acabar em malfeitor de estrada! Deus lhe perdoe, porque tinha excelentes uvas, e eu vingava-me nelas da maledicência do proprietário.

(1) *Op. cit.*, pág. 82.

As minhas ocupações mais favoritas eram grandes correrias pelas praias do Minho, onde eu ia empoleirar-me nos rochedos mais elevados, a olhar para as ondas horas esquecidas, cada vez que via passar as asas brancas de um navio a duzentas braças da costa. Fora disto, vagabundeava pelos campos dias inteiros, contemplando as cristas das serras de Barroso e de S. Félix, sem me lembrar de almoço ou de jantar, e ainda menos dos cuidados dos meus parentes.

Estas distrações, em semelhante idade, não podiam deixar de dar nas vistas a toda a gente. Aconselhavam a minha mãe que me *arrumasse*, fosse como fosse, porque eu tinha ares de lunático, além de ser um vândio que não queria aprender coisa alguma. Chegaram a assustá-la, apesar dos meus poucos anos; e um lavrador nosso parente ofereceu-se para me corrigir, se quisessem entregar-me aos seus cuidados. À vista da minha rudeza, tiraram-me da escola, com grande satisfação do mestre, e a minha família resolveu que eu seria agricultor. Apenas, porém, me haviam instalado na casa daquele que pretendia *fazer-me gente*, levantei contra ele cinco tias, que bebiam os ventos por mim, por causa de um puxão de orelhas. Ele queixou-se a minha mãe, e eu fui chamado à barra: mas pedi uma sessão secreta, e nela a convenci de que ele me assassinaria infalivelmente, se me deixassem lá ficar. Não há lógica para as mães como as lágrimas dos filhos. Fiquei em casa, mas foi por pouco tempo. Um cordoeiro da Póvoa de Varzim comprometeu-se a mandar-me ensinar a ler e escrever correctamente, com a condição de que eu viveria em sua casa para vigiar o estabelecimento. Mas quando lá me apanhou, mandou-me virar à roda, do mesmo modo que se eu fora um dos seus aprendizes. Estava arranjado comigo! Formei-lhe perante a minha santa mãe um capítulo muito mais odioso do que o do lavrador, e o afecto materno, comovido com a descrição dos horrores e maus tratos, que eu pintava com certa viveza de colorido, arrancou-me a este novo tirano, reconduzindo-me triunfante ao lar doméstico» (1).

Gomes de Amorim refere depois que na sua terra apareceram engajadores de escravos brancos, propalando, no propósito de aliciar esses escravos, que o Brasil era um maná. Com a sua propaganda, conseguiram desvairar muitos rapazes de Avelomar, e um dos aliciados foi Manuel, irmão de Gomes de Amorim. A família foi então ao Porto, ao *bota-fora* do rapazinho, e tantas vezes Gomes de Amorim foi ao navio que devia conduzir o irmão, que também os engajadores procuravam seduzi-lo, prometendo que o levariam *quase de graça*. E tanto o incitaram que o menino,



Avelomar. A casa onde nasceu Francisco Gomes de Amorim.

(1) *Cantos Matutinos*, pp. II-V, Lisboa, 1858.

apesar das resistências familiares, acabou por obter autorização de saída: «Chorei tanto, e tão bem, que não houve remédio senão fechar os olhos a todos os sacrifícios, lançar mão de recursos extremos, e deixar-me sair pela barra fora, com dez anos incompletos».

À hora da partida para terras do Brasil, conta Gomes de Amorim que não faltaram a despedir-se dele os seus conterrâneos, «perdoando-me, ou esquecendo generosamente as numerosas memórias que eu deixei a quase todos, nas árvores derreadas, nas paredes caídas, e nas searas pisadas durante as minhas excursões de vagabundo».

Quanto à mãe, como era de presumir, nunca mais teve alegria, nem a si própria se perdoou, por ter deixado partir para terras longínquas os seus dois filhos. Chorou a mãe, com saudades dos filhos. Choraram os filhos, com saudades da mãe. Apagaram-se, em breve, as lágrimas nos olhos dos filhos, porque inéditas peripécias os distraíram. Nunca mais, porém, se apagaram nos olhos da mãe inconsolável, perdida e achada a pensar nos filhos ausentes.

A viagem foi tormentosa, quase no estilo da Nau Catrineta. Trabalhos, sede, calmas, tormentas, e até «fomezinha», foram os companheiros mais presentes na viagem de Gomes de Amorim, até ao dia em que desembarcou na «formosa terra de Santa Maria de Belém do Pará».

Temo-lo a ele — e ao irmão — no cais da alfândega, onde os esperam os negociantes da cidade, para escolherem, entre os recém-chegados, aqueles que mais lhes agradassem. Damos a palavra a Gomes de Amorim:

«Eu estava ali, sem saber para quê, no meio de uma multidão de gente de todas as cores, que se ria de mim e dos meus compatriotas, ao mesmo tempo que vários homens brancos, e vestidos quase todos de branco, giravam em torno de nós. Os meus companheiros iam desaparecendo, mas a mim ninguém me queria. Um daqueles homens vestidos de branco andou muito tempo a mirar-me por todos os lados, chegou-se a mim duas vezes, levantou-me a cabeça, mandou-me falar, e murmurou várias palavras das quais eu percebi as últimas, que foram as seguintes: «isto não presta!» Outros olhavam-me com comiseração, e diziam: «É uma inconsciência trazer crianças como aquela!»

Entretanto, Manuel era negociado, nem sequer teve oportunidade de se despedir do irmão — e este só veio a saber do paradeiro dele seis meses depois! E Gomes de Amorim acrescenta:

«Achava-me quase só [os restantes companheiros de viagem tinham sido quase todos negociados], e sem perceber que estava

num mercado de escravos brancos, e que era considerado *refugo* pelos entendedores! Por fim, do meio dos poucos homens de branco que ali se achavam ainda, saiu um, vestido de pardo, e acariciou-me, pondo-me a mão no rosto, e convidando-me a segui-lo. Então rebentaram-me as lágrimas com violência; até ali encarara feramente a desgraça que não via, mas que sentia. Do momento, porém, em que me chegou a vez de partir, como os outros, sem saber para onde, chorei».

Aconteceu, providencialmente, que o patrão de Gomes de Amorim era «um excelente e honrado homem». E evocando o sr. José Maria Fernandes, o seu honrado patrão, Gomes de Amorim, dirigindo-se-lhe, pede-lhe que lhe «perdoe a muita marmelada que lhe devorei, porque também eu lhe perdoe a prodigalidade com que ele me servia de palmatoadas, cada vez que o meu pundonor nacional me fazia quebrar a cabeça do preto, ou preta, que insultava o meu país ou a minha pessoa».

O nosso rapazinho era levado da breca. Um Zé Ninguém fisicamente, mas, na sua actividade de caixeiro ao balcão, era implacável para quem quer que o insultasse, um gigante que fosse: «As minhas armas eram os pesos da balança, os copos, as garrafas, e nos grandes apuros cortava as dificuldades saindo para a rua, e correndo o agressor à pedrada. De dois resultados que isto podia ter, um era sempre infalível, no caso de haver cabeça quebrada: ou eu comprava à força de aguardente o silêncio da vítima, ou a palmatória se encarregava de me cortar os voos de tão desapropositado heroísmo».

Terrível o rapazinho! Terrível, ao ponto de o patrão ter de o despedir. A sua última proeza, no estabelecimento do senhor Fernandes, foi atirar «à cara dum homem elegantíssimo», que lhe «dirigira um dito grosseiro, com quatro arrátéis de manteiga de vaca». A razão do dito grosseiro foi o caixeirinho não o ter servido com a rapidez a que se sentia com direito, porquanto o insultador «era criado ou escravo do presidente da província».

A elegantíssima criatura ficou com a cara numa lástima. E esperava Gomes de Amorim reacção condigna do seu atrevimento, quando a vítima da manteiga, logo que pode desobstruir os olhos, correu «como um raio pela porta fora, e foi mostrar-se ao meu patrão, que morava do outro lado da rua».

Dezasseis palmatoadas foram o castigo aplicado pelo sr. Fernandes ao atrevido caixeiro. E logo em seguida a dispensa dos seus serviços. Foi com dificuldade que o nosso homenzinho arranjou colocação no outro extremo da cidade. Os vizinhos do sr. Fernandes não o quiseram aceitar, tal a sua fama de menino que as não perdoava ao mais pintado...



Francisco Gomes de Amorim, em 1858.
Litografia de Joaquim Pedro de Sousa, sobre fotografia de Nasti, inserta
no início da 1.ª edição dos *Cantos Matutinos* (Lisboa, 1858).

Noutro lugar ⁽¹⁾, refere Gomes de Amorim:
«Quando o mulato recolhia ao palácio, pingado desde a cabeça até aos pés e com os olhos vermelhos do sal da manteiga, encontrou o Senhor, que se dirigia para casa dos meus vizinhos. Sabedor do caso, o general [o presidente da provincia: Francisco José de Sousa Soares Andrea] entrou no estabelecimento, onde eu estava chorando com as dores das palmatoadas que recebera do meu ingrato patrão, por prémio de tão glorioso feito.

— Foi o senhor quem quebrou a cara ao meu escravo?

— Fui; e por causa daquele patife, apanhei duas dúzias de palmatoadas!...

— Bem merecidas!

— O senhor diz-me isso?!

— Aposto que me quer dar também com a colher de manteiga?!

— Chame-me galego, marinheiro, bicudo ou pé de chumbo, como fez o biltre do seu escravo... e verá!

Andrea quis sorrir-se, e fez uma careta medonha. O motivo, que só mais tarde compreendi, provinha de ele também ser português; mas fizera-se brasileiro e não gostava que lhe lembrassem estas diferenças.

— Promete! Continue assim, que há-de ir longe!

Saiu; e eu, que tomei a ironia por um cumprimento, fiquei todo vaidoso e ufano de ter ensinado o escravo, sem me lembrar já da sova que isso me custara. Daí em diante, quando via passar o homem ilustre que tinha querido conhecer-me, perfilava-me ao balcão, à espera de novo elogio; mas o grande marechal nunca mais se dignou olhar para mim, nem o seu criado tornou a ir comprar géneros ao estabelecimento!»

* * *

Tinha, agora, Gomes de Amorim doze anos, e começava a envergonhar-se de não saber ler; mas com tanta dedicação se aplicou à tarefa dessa aprendizagem, que, em poucos meses entrava nos segredos da letra impressa. O primeiro livro que lhe caiu nas mãos foi a *História de Carlos Magno*.

«Eu não lia só para mim, queria auditório, e era bem pouco escrupuloso na escolha dele! A quantos pretos, tapuios, e mulatos apanhava, nos momentos em que meu patrão saía de casa, lia a

(1) *Teatro de Francisco Gomes de Amorim, O Cedro Vermelho*, tomo II, págs. 270-271, Lisboa, 1874.

morte de Roldão, e eles desatavam num berreiro de choro, tão feio e temeroso que vexaria o próprio Adamastor».

Da *História de Carlos Magno*, Gomes de Amorim passou aos *Lusiadas*. O ambiente comercial em que ele vivia era, da parte dos patrões, todo de oposição a entretens culturais. E, por isso mesmo, o nosso adolescente passou a alimentar ódio profundo à vida de caixeiro. O seu «indócil carácter» «repelia a servidão».

Seu irmão e um primo de quem era hóspede perguntaram-lhe então que carreira queria seguir — que eles se encarregariam de pagar as despesas que houvesse de fazer com a sua educação: artista, militar, padre, médico, advogado... Aborrecido, deu a resposta peregrina de que queria que o fizessem calafate!

O primo, cansado das extravagâncias do rapazola, em certo momento dispunha-se a puxar-lhe as orelhas, quando ele, fugindo ao ultraje, se evadiu de casa.

As grandes florestas demoravam ali próximo, e eram da qualidade de aliciar, com o seu mistério, o fugitivo. Ele que o diga:

«Um dia de madrugada, tendo-me despedido somente do meu sempre bom irmão [apenas com um ano e meio a mais do que ele], embarquei numa canoa, que se destinava ao fabrico da goma elástica, e parti para o rio Xingu. Logo que me vi no meio das florestas virgens, conheci que tinha achado o meu reino, o país da fantasia. Habituei-me à presença quotidiana da onça, do tigre, e do tamanduá; às mil variedades de serpentes, aos jacarés, aos gentios de todas as raças, e à sua existência, costumes, e festins bárbaros. Pareceu-me que a vida errante da tribo fora de propósito criada para a minha organização; dentro em pouco tempo, a cor da minha pele era igual à dos tapuios. Deixei a espingarda pela frecha; a língua portuguesa pelo dialecto gutural dos jurunas, ou pela língua dos tupis; preferi, enfim, o selvagem ao homem civilizado, e comecei a vagamundear pelos bosques, como o tinha feito nas campinas do Minho».

A aprendizagem da leitura começara em hora azarenta. A vagabundagem pela selva veio prejudicá-la. Um ano andou Gomes de Amorim pelas matas e cachoeiras de Xingu. Subiu o Amazonas. E foi já em Alenquer — num braço do mesmo rio — que perfez os seus treze anos. E aí, precisamente, encontrou em casa duma família indígena, «e dentro de um cesto forrado com folhas de bananeira brava, quatro ou cinco livros velhos». Um deles era o *Camões*, de Garrett.

Leitura transfiguradora foi a do poema! Uma nova mundivência surgiu aos olhos e ao espírito de Gomes de Amorim. Tão vivamente impressionado ficou com a leitura, que não resistiu à tentação de escrever uma carta a Garrett, dando-lhe conta das



Um aspecto da floresta da Amazónia.

suas emoções. «A carta gastou muito tempo em descer da beira dos Andes, e atravessar o Atlântico. Depois de ela partir, eu sorria-me da louca tentativa que fizera, e deixei de esperar uma resposta que já me parecia impossível de obter. Mas, no fim de dois anos e meio, a resposta chegou às minhas mãos. Era uma consolação, um estímulo, um impulso.

Encontrei-a no Pará, em 1844, tendo eu já dezassete anos».

Gomes de Amorim, lisonjeado com aquela resposta, fez constatar o acontecimento. Não se acreditava. Mas era verdade. Todos os caixeiros passaram a olhar com respeito aquele rapaz que se correspondia com Garrett.

Gomes de Amorim: evoca «Resolvi então voltar a Portugal, com a firme vontade de vir para Lisboa estudar, e decidido a morrer na luta, se tanto fosse preciso. No momento da minha partida, fui bastante temerário para consentir que se publicasse um soneto de despedida aos meus amigos, do qual aproveitei doze

linhas para zurzir os invejosos. Era a primeira vez que o meu nome ousava ir desacomodar os tipos, e Deus sabe se não seria melhor o deixá-los dormir sem me tornar jamais seu desconhecido!»

Depois foi a intimidade com Garrett, intimidade de que muitíssimo se desvaneceu, como era natural. Um convívio longo e profundo fez que Gomes de Amorim assistisse aos últimos momentos do autor das *Viagens Na Minha Terra*. Eu «o vi expirar-me nos meus braços, proferindo o meu nome, e dizendo-me estas derradeiras palavras: «já o não vejo!» Devi-lhe sempre os melhores conselhos que um filho pode receber de um pai. Foi ele o meu mestre».

Gomes de Amorim tinha razões de sobra para estar grato à memória de Garrett, não só porque foi o poema *Camões* que nele despertou a propensão para a poesia, mas também porque, regressando dos sertões da Amazónia a Lisboa, aqui encontrou, dado generosamente por Garrett, o pão de que se alimentou nos seus primeiros tempos, que foram muito difíceis. Amorim considerava Garrett seu pai e mestre. Não exagerava.

(Continua)

Notícias da Póvoa de Varzim no ano de 1870

por LÍDIO MARQUES

Fernando Barbosa já neste Boletim Cultural nos deixou uma resenha da história da imprensa periódica poveira (1).

Entre todos os periódicos, a *Gazeta da Póvoa de Varzim* ocupa forçosamente um lugar de destaque, por direito próprio, pois, aparecida em 1 de Janeiro de 1870, com ela nasceu a imprensa poveira «como instrumento de formação, cultura e progresso (2)». Foi, com efeito, o primeiro jornal que na vila surgiu!

Na Biblioteca Municipal da Póvoa de Varzim há, da *Gazeta*, 66 números dos anos de 1870 a 1872, e mais alguns do ano de 1874.

Do ano de 1870 há 11 números, dos quais extraí algumas notícias típicas da vida poveira.

O exemplar de 19 de Janeiro de 1870, nas *Notícias Diversas*, dá-nos informações da indústria de pesca, que absorvia por completo a vida económica e social da Póvoa. Em dias próximos àquela data, as lanchas trouxeram do *profundo* cinco mil pescadas, tendo regulado o arrátel a 25 réis. Sobre a pesca, outros números nos dão notícia do seu andamento:

O jornal de 22 de Janeiro informa ter havido grande abundância de peixe, sendo a pescada vendida a 15 rs. o arrátel e a sardinha a 1.000 rs. o milheiro. Em 10 de Dezembro o pescado tinha diminuído, sobretudo a sardinha, e os preços na lota eram «elevados».

(1) Fernando Barbosa—«Periódicos poveiros», in Boletim Cultural *Póvoa de Varzim*, vol. II, n.º 2 (Póvoa de Varzim, 1959), pp. 308-353.

(2) Idem, idem, p. 314.